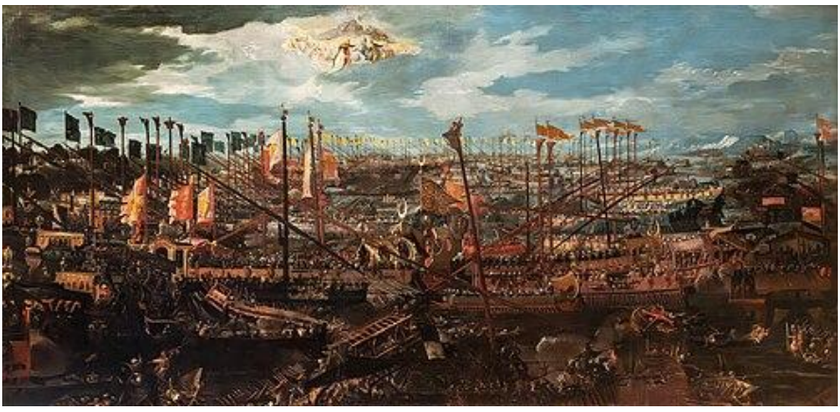
Alexandre Ramos da Silva



O Pequeno e Prático Guia do Católico Raiz para o Santo Rosário

*

Com um estudo sobre a *Sub tuum praesidium* a primeira oração mariana

3ª edição, revista e ampliada
2026

INTRODUÇÃO
O ROSÁRIO VENCE BATALHAS

No século XVI, o Império Otomano avançava como uma maré escura sobre a Europa. Com Constantinopla em mãos e o Mediterrâneo quase todo sob seu domínio, os turcos muçulmanos pareciam invencíveis. A Cristandade estava dividida, enfraquecida, e cada derrota aumentava o risco de colapso. Chipre havia caído. Veneza estava acuada. Roma temia pelo futuro.

Foi então que o Papa Pio V, homem de oração e visão estratégica, decidiu agir. Convocou os reinos cristãos para formar a Liga Santa, uma aliança naval entre Espanha, Veneza, os Estados Papais e outros aliados. No comando da frota estava Dom João da Áustria, jovem líder determinado e respeitado.

O confronto

Em 7 de outubro de 1571, no Golfo de Patras, perto de Lepanto, as duas forças finalmente se encontraram.

A frota otomana avançava com sua imensa linha de galés e galiotes, embarcações rápidas a remo, lotadas de arqueiros, janízaros e artilharia leve.

Do lado cristão, a Liga Santa formava uma frente compacta composta por galés de Veneza, Espanha, Gênova e dos Es-

tados Papais, reforçadas pelas imponentes galeaças venezianas, navios maiores e pesadamente armados que abriram fogo à distância antes do choque das linhas.

Era uma batalha decisiva: a última grande confrontação naval travada quase inteiramente por navios a remo no Mediterrâneo. Enquanto os navios entravam em ordem de batalha, o Papa convocava os fiéis a rezarem o Rosário. Não foi um gesto simbólico. Mosteiros inteiros se dedicaram à oração contínua. Cidades pararam. Camponeses, nobres, soldados e crianças, todos com os dedos nos terços, pedindo a intercessão de Maria. Era como se a Europa inteira tivesse se ajoelhado.

A luta foi brutal. Canhões vomitavam fogo, mosquetes estalavam, espadas se cruzavam nos conveses. Os navios se chocavam, os mastros tombavam, e o mar se tingia de vermelho. Dom João liderava com firmeza. Quando Ali Paxá, comandante otomano, foi morto, sua nau foi tomada e a bandeira da cruz substituiu a do profeta.

Virada no mar

Após cinco horas de combate, a vitória foi da Liga Santa. A frota otomana foi praticamente destruída. Mais de 30 mil mortos. Pela primeira vez em décadas, o

avanço turco foi interrompido. O Mediterrâneo começava a mudar.

Em Roma, Pio V teve uma visão da vitória antes mesmo da notícia chegar. Ele atribuiu o triunfo à intercessão de Maria e instituiu o dia 7 de outubro como a Festa de Nossa Senhora do Rosário.

O Legado

Lepanto marcou o fim da expansão otomana e o início de seu declínio. A Europa reencontrou força e esperança. A batalha mostrou que fé e coragem podem mudar o curso da história.

O Rosário, arma silenciosa, foi decisivo. Naquele dia, a cruz pairou entre o céu e a terra.

A Cristandade não foi derrotada. Nem naquele momento, nem nunca o será.

1
A ORAÇÃO COTIDIANA NA VIDA DA IGREJA

A oração da Igreja não é uma invenção humana, mas uma resposta — imperfeita, mas real — ao chamado divino que ressoa desde o princípio dos tempos. O Ofício Divino, hoje mais conhecido como Liturgia das Horas, nasce da tradição judaica de santificar o tempo, de marcar as horas com a memória de Deus, como

quem finca estacas de eternidade no tecido frágil dos dias.

As primeiras comunidades cristãs herdaram esse costume e o elevaram à condição de louvor contínuo. Com São Bento, no século VI, essa oração se tornou o coração da vida monástica: o *opus Dei*, o trabalho de Deus — Ofício Divino. Não o trabalho que fazemos *para* Deus, como quem oferece um serviço, mas o trabalho que Deus realiza *em* nós, quando nos dispomos a rezar. É Ele quem inspira, sustenta e acolhe essa oração, e é por isso que ela não cansa, não envelhece, não se esgota.

Na Idade Média, os breviários consolidaram essa prática. No rito romano do século VII e na Europa carolíngia do século X, a Liturgia das Horas se tornou a espinha dorsal da oração pública, solene e oficial da Igreja. Ela é composta por salmos, hinos, leituras bíblicas e preces; acompanha o ritmo do dia e santifica o tempo.

Mesmo quando o faz solitariamente, seja um monge eremita, seja um leigo em sua casa, ao rezar o Ofício Divino o fiel não está sozinho: ele se une à voz da Igreja inteira: a Virgem Maria, os Apóstolos, os mártires, os anjos. É o Corpo Místico de Cristo em oração, atravessando os séculos, sustentando o mundo.

Rezar é trabalhar; e é também ser trabalhado. O Ofício é serviço, mas também transformação. É o homem que fala, mas é Deus que age. E nisso reside o mistério: a oração é nossa, mas não nos pertence.

Raízes bíblicas

A prática de orar em horários fixos vem do Antigo Testamento:

“Sete vezes ao dia eu te louvo” (Sl 119,164).

Os primeiros cristãos mantiveram essa tradição, como vemos em Atos 3,1:

“Pedro e João estavam subindo ao Templo para a oração da hora nona”.

A santificação do tempo: o encontro do tempo com a eternidade

Vigílias: começa e termina antes do nascer do sol. Cumpre o mandamento do Senhor de vigiar e orar. É a Igreja, como virgem prudente, atenta à volta do seu Senhor a qualquer momento.

Laudes: no nascer do sol. É o louvor ao Senhor, “Sol nascente que nos veio visitar” (Lc 1,78-79), e o começo de mais um dia de trabalho.

Sexta: ao meio-dia. Marca o fim do trabalho da manhã e agradece pela refeição do almoço.

Nona: às quinze horas. Marca o início do trabalho da tarde.

Vésperas: marca o fim do trabalho da tarde e do dia.

Completas: a oração do anoitecer, pedindo a proteção do Senhor para o nosso sono — e para o fim de nossas vidas.

A oração contínua

Oração contínua: conceito espiritual

A oração contínua é mais do que repetir palavras — é viver em estado de atenção amorosa a Deus. Os Padres do Deserto, inspirados pelo exemplo do Senhor, desenvolveram essa ideia como uma forma de "habitar" a oração. João Cassiano, por exemplo, recomendava a repetição constante de versículos curtos, como "Deus, vinde em meu auxílio", para manter o coração voltado ao divino.

Na tradição hesicasta oriental, essa oração contínua se expressa na oração de Jesus: "Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tende piedade de mim, pecador". Repetida com o ritmo da respiração, ela se torna uma oração do coração — silenciosa, profunda, transformadora.

A condenação do Senhor às "vãs repetições"

No Sermão da Montanha, Jesus advertiu: "E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos" (Mt 6,7).

Aqui, o foco está na *qualidade da oração*, não na quantidade. Jesus critica orações mecânicas, vazias, feitas apenas por costume ou superstição, como se Deus fosse

convencido por um número de palavras ou fórmulas repetidas.

O próprio Senhor orava continuamente

Nos Evangelhos, vemos repetidamente que Jesus se retirava para lugares desertos para orar (cf. Lc 5,16; Mc 1,35). Esses momentos não eram apenas pausas devocionais, mas expressões de uma vida centrada na relação com o Pai.

O deserto, na tradição bíblica, é lugar de encontro, silêncio e transformação. Ali, Jesus não apenas falava com Deus — Ele se deixava moldar pela vontade divina.

Essa prática de recolhimento revela que a oração, para Jesus, era contínua: não interrompida por tarefas, mas entrelaçada com elas. Ele orava antes de tomar decisões (como escolher os apóstolos), antes de realizar milagres, e até e principalmente em Sua Paixão, do momento em que Se submete à vontade do Pai no Jardim de Getsêmani (Mt 26,39; e Lc 22,42), até o instante em que, ao expirar, entrega o espírito em Suas mãos (Lc 23,46). A oração era o fio invisível que sustentava sua missão.

O ensinamento de São Paulo para "orar sem cessar"

"Orai sem cessar" (1Ts 5,17).

Isso não significa repetir a mesma frase o dia inteiro, mas sim cultivar uma atitude constante de comunhão com Deus. É vi-

ver com o coração voltado para Ele, em diálogo contínuo, mesmo em meio às atividades do dia a dia.

Como essas ideias se complementam:

- Oração contínua é como respirar: natural, constante, íntima.
- Vãs repetições são como ruído: sem alma, sem propósito.

A oração contínua é relacional, enquanto as repetições infindáveis são ritualistas. Deus deseja proximidade, não performance.

Linha do tempo da oração contínua

Século III-IV: Monges do Deserto (Oriente)

- Santo Antão (c. 251-356) e os primeiros eremitas egípcios iniciam a prática da oração contínua como forma de combate às distrações e tentações.
- A repetição de versículos bíblicos — especialmente os Salmos — era usada como escudo espiritual.
- A oração do coração, embrião da oração de Jesus (“Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tende piedade de mim, pecador”), começa a surgir entre os monges hesicastas, que buscavam a união com Deus por meio da repetição silenciosa e constante.

Século IV-V: Monaquismo Cenobítico

- São Pacômio (c. 290-346) organiza comunidades monásticas no Egito, onde a repetição de orações e leituras bíblicas era parte da rotina coletiva.
- São Basílio Magno (c. 330-379) codifica regras monásticas no Oriente, incluindo práticas de oração repetitiva como disciplina espiritual.

Século V: Transmissão ao Ocidente

- João Cassiano (c. 360-435), após viver entre monges egípcios, leva ao sul da Gália a prática da *ruminatio* — meditação repetitiva de versículos curtos, como "Deus, vinde em meu auxílio" — como forma de purificação da mente e interiorização da oração.
- Essa prática influencia profundamente o monaquismo ocidental, preparando o terreno para São Bento.

Século VI: Regra de São Bento

- São Bento de Núrsia (c. 480-547) estabelece a Regra Beneditina, que organiza a vida monástica em torno da *ora et labora* (oração e trabalho).
- A repetição dos Salmos no Ofício Divino (sete vezes ao dia) se torna norma, e a oração repetitiva é vista como caminho para a paz interior e a união com Deus.

- No Oriente, S. João Clímaco, autor da *Escada do Paraíso*, é citado como defensor da repetição como caminho para a paz interior e união com Deus.

Séculos XI-XIII: Expansão entre os leigos

- Com o crescimento das ordens mendicantes e a difusão da espiritualidade monástica, práticas como o Rosário começam a se formar.
- Monges cistercienses e cartuxos promovem a repetição de Ave-Marias intercaladas com meditações sobre a vida de Cristo.
- Leigos analfabetos adotam essas orações como forma de participação espiritual.
- O Rosário se torna uma "Bíblia dos pobres", permitindo que todos meditem os mistérios da fé por meio da repetição.

Século XIV em diante: Popularização e estruturação

- A oração repetitiva se consolida como prática devocional popular.
- A repetição não é apenas memória — é apropriação: ao repetir, o fiel "rumina" a oração até que ela se torne parte de si, "descendo da boca para o coração", como ensinava João Cassiano.
- Escritores místicos como Santa Catarina de Sena e São João da Cruz refor-

çam a ideia de que a repetição leva à contemplação e à união mística.

Dimensão existencial

A oração contínua não exige tempo livre, mas uma alma livre. Ela pode acontecer enquanto se trabalha, se caminha, se sofre. É a oração que se torna respiração da alma. Como dizia Isaac, o Sírio: “Amo o silêncio acima de todas as coisas”, porque é nele que a oração contínua floresce.

2
ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DO SANTO ROSÁRIO

O Rosário não é uma oração qualquer. Não é uma repetição mecânica, nem um exercício de sentimentalismo religioso. É uma escada mística, uma meditação encadeada, uma escola silenciosa de contemplação. E, acima de tudo, é uma oração profundamente cristológica; embora mariana em sua forma, é Cristo quem ocupa o centro, o vértice, o foco. Maria, como sempre, é a porta. Mas a casa é dEle.

A estrutura atual do Rosário surgiu de uma lenta sedimentação espiritual. Entre 1410 e 1439, o monge cartuxo Domingo de Prusia introduziu uma forma de saltério mariano: cinquenta Ave-Marias, cada uma seguida de uma jaculatória evangé-

lica. Era uma substituição simbólica, os salmos davam lugar às Ave-Marias; e as antífonas, a passagens do Evangelho. A oração se tornava narrativa, contemplativa, encarnada.

Essa prática se espalhou como fogo em palha seca. Alano de la Roche, frade dominicano, promoveu o saltério mariano com vigor, e o nome “Rosário da Bem-Aventurada Virgem Maria” começou a circular. Em 1521, Alberto de Castello simplificou a estrutura, fixando quinze passagens evangélicas para meditação. E então veio São Pio V, Papa entre 1566 e 1572, que não apenas canonizou a forma atual do Rosário, mas o vinculou à vitória da batalha naval de Lepanto, que salvou a Europa cristã de um desastre iminente frente ao Islã, marcando o fim da expansão e o início da decadência do Império Otomano.

Estrutura e evolução do Rosário

Século XV – Estrutura inicial

- Alano de la Roche organiza a oração em três grupos de cinco mistérios: gozosos, dolorosos e gloriosos.
- Cada grupo contempla momentos da vida de Jesus e Maria, intercalados por dezenas de Ave-Marias.

Séculos XVI-XVII – Consolidação

- O Rosário é promovido oficialmente pela Igreja como prática devocional mariana.
- Papas como Pio V incentivam sua recitação como arma espiritual.
- A estrutura de 15 mistérios se torna padrão:

Gozosos

- Anunciação.
- Visitação.
- Nascimento.
- Apresentação.
- Encontro no Templo.

Dolorosos

- Agonia.
- Flagelação.
- Coroação de espinhos.
- Caminho para o Calvário.
- Crucificação.

Gloriosos

- Ressurreição.
- Ascensão.
- Pentecostes.
- Assunção de Maria.
- Coroação de Maria no céu.

Mistérios Luminosos – São João Paulo II

Em 2002, na Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, São João Paulo II propôs cinco novos mistérios — os Luminosos — como complemento opcional à estrutura tradicional. Há muito que se percebia

como que uma “lacuna” no Rosário: a ausência dos momentos da vida pública de Jesus. A intenção do Papa era fazer do Rosário um verdadeiro “compêndio do Evangelho”. Mas, com sabedoria pastoral, ele deixou claro que os Mistérios Luminosos são opcionais. A liberdade devocional do fiel permanece intacta.

Luminosos

- O Batismo no Jordão.
- As Bodas de Caná.
- O Anúncio do Reino de Deus.
- A Transfiguração.
- A Instituição da Eucaristia.

O Rosário, o Terço e o Quarto

Como vimos, durante séculos o Rosário, em sua forma tradicional, foi composto por quinze mistérios, distribuídos em três grupos que não são meras categorias, mas verdadeiras etapas ontológicas da vida de Nosso Senhor. O nome “terço” vem daí: é literalmente a terça parte do Rosário. Um terço — 1/3.

Agora, o Rosário tem vinte mistérios. E o “terço”, tecnicamente, deixou de ser terço. Passou a ser “quarto” — 1/4. Mas ninguém chama de “quarto”, nem precisa chamar. Porque há nomes que permanecem não por precisão, mas por tradição. E quando a tradição é secular, ela não se corrige com régua — ela se respeita. É uma tradição com “t” minúsculo,

é verdade, mas ainda assim digna de reverência. Na Tradição com “T” maiúsculo, nesta sim não se mexe.

Uma oração cristológica

O Rosário é, em sua essência, uma oração cristológica. Maria está presente, sim — como mãe, irmã, mestra e guia. Mas é Cristo quem se revela, quem ensina, quem transforma. A oração se torna caminho: um itinerário espiritual em que o fiel aprende a escutar, a contemplar, a conformar-se.

Rezar o Rosário é aprender Cristo com Maria. É recordar Cristo com Maria. É pedir a Cristo com Maria. É anunciar Cristo com Maria. E, nesse processo, o cristão não apenas conhece o Senhor, também conhece a si mesmo. Porque o mistério de Cristo é também o mistério do homem. E cada mistério do Rosário, bem meditado, ilumina a existência humana com uma luz que não se apaga.

“Contemplando o seu nascimento aprende a sacralidade da vida, olhando para a casa de Nazaré aprende a verdade originária da família segundo o desígnio de Deus, escutando o Mestre nos mistérios da vida pública recebe a luz para entrar no Reino de Deus, e seguindo-O no caminho para o Calvário aprende o sentido da dor salvífica. Contemplando, enfim, a Cristo e sua Mãe na glória, vê a

meta para a qual cada um de nós é chamado, se se deixa curar e transfigurar pelo Espírito Santo. Pode-se dizer, portanto, que cada mistério do Rosário, bem meditado, ilumina o mistério do homem".
— Angelo Amato, SDB, *L'Osservatore Romano*, 15/02/2003, p. 4.

3
OS MISTÉRIOS DA FÉ CONTEMPLADOS NO SANTO ROSÁRIO

Rezar o Rosário é entrar na narrativa sagrada da salvação. Cada mistério é uma porta aberta para o Evangelho, e cada versículo é uma pedra no caminho que conduz à verdade. A contemplação não é devaneio: é disciplina da alma, é escuta profunda, é conformação ao Verbo encarnado. Aqui, a Escritura não é apenas citada: é vivida. E a meditação não é apenas reflexão: é transformação.
A palavra "mistério" vem do grego *mysterion*, que originalmente se referia a ritos secretos ou iniciações em religiões nas quais havia rituais que somente os iniciados podiam compreender. Os primeiros cristãos adotaram esse termo, mas deram-lhe um significado radicalmente diferente: um mistério não era um segredo que se pudesse esconder dos

outros, mas uma verdade divina revelada por Deus, que não pode ser totalmente compreendida apenas pela razão humana, mas da qual os fiéis eram convidados a participar. São Paulo usa a palavra "mistério" para se referir ao plano oculto de salvação de Deus, revelado em Cristo (Ef 1,9; Cl 1,26-27).

Na Igreja primitiva, os mistérios estavam intimamente ligados aos sacramentos, especialmente à Eucaristia. Os cristãos se referiam à Eucaristia como o *Grande Mistério* porque, na celebração da Missa, acreditavam que não estavam apenas comemorando um evento passado (como a morte e ressurreição de Jesus), mas sim participando dele. Isso era, e ainda é, visto como um encontro com a realidade divina, e o que se entende quando na Missa o presidente, depois da consagração e antes da comunhão, ergue a hóstia consagrada e proclama "Mistério da Fé!".

O Rosário e os Mistérios Sacramentais

Em sentido sacramental, todo sacramento — seja o Batismo, a Eucaristia ou os outros cinco — era entendido como um mistério porque não eram meros sinais exteriores; eram uma forma de adentrar uma realidade espiritual mais profunda. Eram encontros reais com a obra salvadora de Cristo.

Essa compreensão dos mistérios como eventos divinos e participativos conecta-se diretamente com os Mistérios do Rosário. Cada um dos mistérios do Rosário — seja a Anunciação, a Crucificação ou a Ressurreição — oferece uma oportunidade de "entrar" espiritualmente na vida e na obra de Cristo de uma forma não apenas histórica, mas presente e ativa. Ao meditar sobre esses mistérios, você é convidado não apenas a recordá-los, mas a vivê-los de alguma forma.

Por exemplo, ao meditar nos Mistérios Dolorosos, você contempla o sofrimento de Cristo na Cruz, mas não se trata apenas de recordar o que aconteceu com Ele. Trata-se de entrar nesse sofrimento com Ele, identificar-se com Ele nas provações da sua própria vida e aproximar-se dEle nesse mistério de amor redentor.

Cristo como o Grande Mistério

Uma das camadas teológicas mais profundas é que o próprio Cristo é entendido como o Grande Mistério, Ele é a plenitude da revelação de Deus. O Verbo se fez carne e, por meio de Sua vida, morte e ressurreição, Deus se revelou plenamente à humanidade. Cada um dos mistérios do Rosário destaca um momento dessa revelação de Deus em desenvolvimento. Assim, Cristo não é apenas uma figura histórica da qual nos lembramos,

mas uma realidade viva com a qual entramos em comunhão.

Na Igreja primitiva, o mais central dos mistérios era o Mistério Pascal, que representa a morte e ressurreição de Jesus. O foco do Rosário nos Mistérios Dolorosos e Gloriosos reflete essa realidade central. Sob essa perspectiva, rezar o Rosário é uma espécie de miniviagem ao coração da fé cristã, atraindo o indivíduo para o mistério da salvação.

Mistério e Transformação

Assim como os sacramentos transformam o crente (pela graça, por exemplo, no Batismo ou na Eucaristia), os mistérios do Rosário visam transformar a alma. Contemplar a vida de Cristo não é apenas um exercício intelectual; é um convite para se aprofundar no amor de Deus e, ao meditar nos mistérios, ser moldado por eles. Você participa dos mistérios de Cristo, e esses mistérios o transformam, transformando-o em um discípulo mais fiel.

Em resumo, chamar os eventos da vida de Cristo e o papel de Maria neles de mistérios se vincula a uma rica tradição teológica, na qual esses momentos não são apenas momentos para reflexão sobre incidentes históricos, mas um mistério de salvação, uma realidade sagrada que

tanto revela Deus quanto atrai o fiel à comunhão com Ele.

São verdades divinas que convidam a um encontro profundo e pessoal com Deus, que vai além da compreensão intelectual e se transforma em uma experiência vivida e transformadora. O Rosário permite que você reze por meio desses mistérios, imergindo sua alma na obra salvífica de Deus de uma forma que ecoa a visão cristã primitiva dos sacramentos como encontros reais com o divino.

Quando a Igreja fala dos Mistérios do Rosário ela quer ensinar exatamente isso: cada evento na vida de Cristo e Maria não é apenas um evento histórico, mas um mistério de salvação, uma realidade sagrada que tanto revela Deus quanto atrai o crente à comunhão com Ele.

Portanto, a razão teológica para o nome *mistério* é que esses episódios da vida de Cristo são:

Revelações da verdade divina — mostram-nos quem é Deus e como Ele salva.

Realidades participativas — não são apenas lembradas, mas também aprofundadas através da oração; meditar sobre elas visa conformar a alma a Cristo.

Inefáveis e inesgotáveis — nenhuma reflexão esgota seu significado, pois carregam consigo a profundidade do plano de Deus.

Chamá-los de mistérios é reconhecer que são tanto cognoscíveis (por meio da revelação) quanto incognoscíveis (em sua profundidade divina), convidando à contemplação muito além do mero domínio intelectual.

4
REZANDO O SANTO ROSÁRIO

Segurando o Crucifixo, fazer o Sinal da Cruz e em seguida rezar o Credo.
Na primeira conta, recitar o Pai Nosso.
Em cada uma das três contas seguintes, rezar a Ave Maria, em honra da Santíssima Trindade, e em seguida o Glória.
Enunciar o primeiro mistério (as sugestões para a contemplação de cada mistério estão a seguir) e rezar o Pai Nosso.
Rezar dez Ave Maria, e em seguida o Glória, seguido da jaculatória "Ó, Meu Jesus, perdoai-nos, livrais-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o céu, e socorrei principalmente as que mais precisarem".
E assim por diante.
Ao final, depois da jaculatória que encerra o quinto mistério, reza-se a Salve Rainha.

Mistérios Gozosos (segunda-feira e sábado)

1. A Anunciação do Arcanjo Gabriel a Nossa Senhora

“O anjo Gabriel entrou onde Maria estava e disse: ‘Alegra-te, cheia de graça! O Senhor está contigo’. Ela ficou perturbada com essas palavras e perguntava o que significaria tal saudação” (Lc 1,28-29).

Meditação: O eterno se curva diante da liberdade de uma jovem. Maria não entende, mas escuta. Contemplar este mistério é aprender que a vocação divina exige silêncio interior e coragem para dizer “faça-se”.

2. A Visita de Nossa Senhora a sua prima Santa Isabel

“Maria foi à casa de Zacarias e saudou Isabel. Ao ouvir a saudação, a criança pulou de alegria em seu ventre, e Isabel exclamou: ‘Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre’” (Lc 1,40-42).

Meditação: A presença de Cristo provoca júbilo antes mesmo do nascimento. Maria leva o Verbo em silêncio, e o Espírito age. Contemplar este mistério é reconhecer que a caridade verdadeira é discreta, mas eficaz.

3. O Nascimento de Jesus em Belém

“Maria deu à luz seu filho primogênito, envolveu-o em faixas e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar

para eles na hospedaria. Pastores vieram apressados e encontraram Maria, José e o recém-nascido" (Lc 2,7-16).

Meditação: O Criador nasce entre os pobres, longe dos palácios. A manjedoura se torna altar. Contemplar este mistério é aprender que a glória de Deus se revela na humildade e que a verdadeira grandeza não faz alarde.

4. A Apresentação do Menino Jesus no Templo

"José e Maria levaram o Menino a Jerusalém para apresentá-lo ao Senhor, conforme a Lei: 'Todo primogênito será consagrado'. Simeão tomou o Menino nos braços e bendisse a Deus" (Lc 2,22-28).

Meditação: A obediência à Lei é também entrega ao mistério. Simeão reconhece o Messias e profetiza a dor de Maria. Contemplar este mistério é aceitar que a fé não exclui o sofrimento: ela o transfigura.

5. O Reencontro de Jesus no Templo entre os doutores da Lei

"Depois de três dias, encontraram Jesus no templo, sentado entre os mestres, ouvindo-os e fazendo perguntas. Todos se admiravam de sua inteligência e respostas" (Lc 2,46-47).

Meditação: A sabedoria divina se manifesta na infância. Maria não compreende, mas guarda tudo no coração. Con-

templar este mistério é aprender que Deus educa com paciência e que o silêncio é parte da pedagogia divina.

Mistérios Luminosos (quinta-feira)

1. O Batismo de Jesus no Jordão

“Jesus saiu da água, e eis que os céus se abriram. O Espírito de Deus desceu como uma pomba e pousou sobre Ele. E do céu veio uma voz: ‘Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo’” (Mt 3,16-17).

Meditação: O Filho se submete ao batismo, não por necessidade, mas por missão. O céu se abre, e a Trindade se revela. Contemplar este mistério é reconhecer que a humildade precede toda grande obra divina.

2. A Auto-revelação de Jesus nas Bodas de Caná

“Jesus realizou este primeiro sinal em Caná da Galileia. Transformou água em vinho, manifestou sua glória, e seus discípulos creram nele” (Jo 2,9-11).

Meditação: O milagre não é espetáculo, mas sinal. Maria intercede, e Cristo age. Contemplar este mistério é perceber que a glória de Deus se revela no cotidiano, e que a fé nasce da confiança silenciosa.

3. O Anúncio do Reino de Deus com o convite à conversão

“Completou-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo. Convertei-vos e crede no Evangelho. Teus pecados estão

perdoados, tua fé te salvou" (Mc 1,15; Lc 7,48-50).

Meditação: O Reino não é teoria, é presença. Jesus anuncia, cura, perdoa. Contemplar este mistério é deixar-se tocar pela misericórdia e responder com uma vida transformada.

4. A Transfiguração de Jesus

"Enquanto rezava, o rosto de Jesus mudou de aparência, e suas roupas tornaram-se brilhantes. Uma nuvem os envolveu, e da nuvem veio uma voz: 'Este é o meu Filho, o Eleito; escutai-o'" (Lc 9,29-35).

Meditação: A glória se antecipa à cruz. Pedro quer permanecer, mas Jesus desce. Contemplar este mistério é aprender que a luz divina não nos isola, mas nos prepara para o sacrifício.

5. A Instituição da Eucaristia

"Durante a ceia, Jesus tomou o pão, deu graças, partiu e deu aos discípulos: 'Isto é o meu corpo, que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim'" (Lc 22,19).

Meditação: O amor se faz alimento. Cristo se entrega antes de ser entregue. Contemplar este mistério é entrar na lógica da doação total, onde cada gesto é sacramento de eternidade.

Mistérios Dolorosos (terça e sexta-feira)

1. A Agonia de Jesus no Horto das Oliveiras

“Jesus ajoelhou-se e orou: ‘Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua’. Seu suor tornou-se como gotas de sangue que caíam no chão” (Lc 22,41-44).

Meditação: A angústia não é sinal de fraqueza, mas de entrega. Jesus luta com a dor, mas escolhe o amor. Contemplar este mistério é aprender que a oração verdadeira nasce no limite da alma.

2. A Flagelação de Jesus

“Pilatos, querendo satisfazer a multidão, soltou Barrabás. Mandou açoitar Jesus e entregou-o para ser crucificado” (Mc 15,15).

Meditação: A justiça humana se curva ao clamor da massa. Cristo é ferido, mas não se defende. Contemplar este mistério é reconhecer que a redenção passa pela carne dilacerada do inocente.

3. A Coroação de Espinhos

“Os soldados trançaram uma coroa de espinhos e a colocaram em sua cabeça. Cobriram-no com um manto vermelho e zombavam: ‘Salve, rei dos judeus!’” (Mt 27,29).

Meditação: A realeza de Cristo é ridicularizada, mas permanece intacta. Contemplar este mistério é ver que a glória divina não precisa de aplausos, ela resiste ao escárnio com silêncio soberano.

4. A subida dolorosa do Calvário

“Jesus, carregando ele mesmo a cruz, saiu para o lugar chamado Caveira. No caminho, encontrou mulheres que choravam e disse: ‘Não choreis por mim, mas por vós mesmas’” (Jo 19,17; Lc 23,28).

Meditação: A cruz é pesada, mas não solitária. Cristo encontra rostos, consola corações. Contemplar este mistério é aprender que o sofrimento pode ser fecundo quando é oferecido com amor.

5. A Crucifixão e morte de Jesus

“Jesus exclamou com voz forte: ‘Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito’. E, dizendo isso, expirou. O centurião, vendo o que aconteceu, glorificou a Deus” (Lc 23,46-47).

Meditação: A morte de Cristo é o ápice da vida. O véu se rasga, o céu se abre. Contemplar este mistério é reconhecer que a cruz não é fim, mas é passagem, vitória, reconciliação.

Mistérios Gloriosos (quarta-feira e domingo)

1. A Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo

“O anjo disse às mulheres: ‘Não tenhais medo. Sei que procurais Jesus, o crucificado. Ele não está aqui! Ressuscitou, como havia dito’” (Mt 28,5-6).

Meditação: A pedra foi removida, e o túmulo está vazio. Contemplar este misté-

rio é deixar que a esperança vença o medo e que a vida nova transforme o coração.

2. A Ascensão de Jesus Cristo ao céu

“Depois de falar com os discípulos, o Senhor Jesus foi levado ao céu e sentou-se à direita de Deus. Eles voltaram a Jerusalém com grande alegria” (Mc 16,19; Lc 24,52).

Meditação: Cristo parte, mas não abandona. Contemplar este mistério é aprender que a ausência física é convite à presença espiritual, e que a missão continua em nossas mãos.

3. A Vinda do Espírito Santo

“De repente, veio do céu um ruído como de um vento impetuoso. Todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas” (At 2,2-4).

Meditação: O Espírito desce como fogo e palavra. Contemplar este mistério é abrir-se à ação divina que transforma, une e envia; sem medo, sem reservas, sem cálculo.

4. A Assunção de Nossa Senhora ao céu

“Apareceu no céu um grande sinal: uma mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça” (Ap 12,1).

Meditação: Maria é elevada, não por mérito humano, mas por graça divina. Contemplar este mistério é ver que a criatura

redimida participa da glória do Criador, e que a esperança tem rosto materno.

5. A Coroação de Nossa Senhora no céu

“Tu és a glória de Jerusalém, a alegria de Israel, a honra de nosso povo. Que o Senhor Todo-Poderoso te abençoe para sempre” (Jdt 15,9-10).

Meditação: A humildade é exaltada, e o serviço é coroado. Contemplar este mistério é confiar que quem se entrega por amor será glorificado, não pela vaidade, mas pela fidelidade.

Observação

Pode parecer óbvio, mas nem sempre nos damos conta. Quando rezamos o Santo Rosário, quer individualmente, quer em grupo, eventualmente chegamos na conta e pensamos ou dizemos “No nn. mistério, contemplamos...” — e daí seguimos imediatamente para o Pai-Nosso e prosseguimos a oração. Acontece que se não dedicarmos um momento àquilo que dizemos que estamos fazendo, a saber a contemplação do mistério, podemos até estar usando algum tempo de forma piedosa, mas ***não estamos rezando o Santo Rosário***.

5
COMPLEMENTOS

Bom senso e bom gosto

Os sacramentais na Igreja Católica são sinais sagrados instituídos pela Igreja com o objetivo de santificar diversas situações da vida cotidiana dos fiéis. Eles não conferem a graça como os sacramentos, mas preparam os fiéis para recebê-la e ajudam a viver com mais profundidade a fé cristã. São usados em bênçãos, exorcismos, objetos de devoção e gestos litúrgicos, sempre acompanhados da oração da Igreja. Procure conhecer e usar adequadamente cada um deles, evitando confusões desnecessárias.

A Santa Missa é uma coisa. A oração do Santo Rosário é outra. Não se reza o terço durante a Missa, nem há motivo para ficar com ele nas mãos durante a celebração. O terço não é um acessório.

Embora o Rosário seja uma devoção profundamente católica, cada oração tem seu momento próprio. A Missa requer atenção integral aos mistérios que se realizam no altar; mesmo segurar o terço nesse momento pode sugerir distração ou duplicidade de oração. A Instrução Geral sobre o Missal Romano (IGMR) adverte: “Nada deve introduzir confusão ou

duplicidade de oração durante a celebração litúrgica" (n. 45).

O terço é uma coisa. A medalha de São Bento é outra. Não há qualquer sentido em incluir a medalha de São Bento no terço, seja no entrelace, seja nos Mistérios, e muito menos na cruz. Por outro lado, a medalha de São Bento — assim como a Medalha Milagrosa e o próprio Crucifixo — pode ser usada em um cordão no pescoço, e o escapulário já é, por natureza, um objeto destinado a esse uso. O terço, ao contrário, não deve ser usado pendurado no pescoço, seja de forma aparente ou discreta.

Há um costume, amplamente divulgado, segundo o qual se diz "No quinto e último mistério, contemplamos...". Não há qualquer boa razão para se dizer isso. Cada mistério é algo em si mesmo, a ordem de cada terço — ou quarto — segue a cronologia dos fatos da vida do Senhor, e deve ser tratado da mesma forma.

Alguns testemunhos sobre o Santo Rosário

Alexis Carrel (1873-1944) – médico, Nobel de Medicina. Após sua conversão, ocorrida durante o período de pesquisas científicas em Lourdes, tornou-se devoto mariano e praticante do Rosário.

Andrea Bocelli (1958-) – tenor italiano. Devoto mariano; declarou rezar o Rosá-

rio e confiar sua carreira e família à Virgem Maria.

Ariano Suassuna (1927-2014) – escritor, autor de *O Auto da Compadecida*. Católico praticante; há registros confiáveis de que rezava o Terço, sobretudo como parte de sua formação espiritual tradicional.

Christian Craighead (1976-) – ex-operador SAS (Forças Especiais) britânico. Conhecido como "Obi-Wan Nairobi" por seu heroísmo no Quênia, quando entrou sozinho no complexo DusitD2, em Westlands, Nairóbi, no dia 15 de janeiro de 2019, tomado por terroristas do grupo Al-Shabaab, uma facção jihadista somali afiliada à Al-Qaeda, libertou dezenas de reféns e abateu dois terroristas. Carrega um Rosário de forma permanente em seu equipamento; embora discreto, há confirmação suficiente de uso devocional pessoal, não apenas simbólico. Um católico que levou a sério a lição de Lepanto.

G. K. Chesterton (1874-1936) – escritor e ensaísta, autor de *Ortodoxia* e *O Homem Eterno*. Convertido ao catolicismo, praticava o Rosário e defendia a repetição contemplativa como forma legítima e profunda de oração.

Georges Bernanos (1888-1948) – escritor, autor de Diário de um pároco de al-

deia. Rezava o Rosário regularmente; via nele uma forma de combate espiritual e fidelidade na crise moderna.

J. R. R. Tolkien (1892-1973) – escritor, autor de *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*. Rezava o Rosário diariamente; ensinou os filhos a fazê-lo; atribuía à devoção mariana (especialmente ao Rosário) a sustentação de sua vida espiritual e familiar.

James "Jim" Caviezel (1968-) – ator norte-americano. Protagonista de *A Paixão de Cristo* e *Som da Liberdade*. Testemunho explícito e reiterado da oração diária do Rosário.

Jonathan Roumie (1974-) – ator norte-americano. Protagonista da série *Os Escolhidos*. Declarou que reza o Rosário com regularidade e o considera central para sua vida espiritual.

Konrad Adenauer (1876-1967) – chanceler da Alemanha. Católico praticante; rezava o Rosário regularmente, inclusive durante o período nazista.

Luciano Bernardi (1953-) – médico e pesquisador. Em estudo sobre fisiologia, Bernardi afirma que a recitação do Rosário produz efeitos mensuráveis e era praticada pelos sujeitos estudados — incluindo ele próprio como referência metodológica.

Mark Wahlberg (1971-) – ator e produtor norte-americano. Declarou rezar o

Rosário regularmente e incentiva publicamente a prática.

Mel Gibson (1956-) – produtor, diretor e ator norte-americano. Produziu e dirigiu *A Paixão de Cristo*. Conhecido por rezar o Rosário diariamente e carregá-lo consigo; prática amplamente confirmada.

Paul Claudel (1868-1955) – poeta, dramaturgo e diplomata. Devoto mariano explícito, praticava o Rosário e o associava à disciplina espiritual cotidiana.

Robert E. Lee (1807-1870) – general norte-americano. Católico praticante; há registros de que rezava o Rosário regularmente, especialmente em tempos de guerra.

Robert F. Kennedy (1925-1968) – senador dos EUA. Rezava o Rosário diariamente; carregava-o consigo; intensificou a prática após o assassinato de seu irmão, o presidente John Fitzgerald Kennedy.

Viktor Orbán (1963-) – primeiro-ministro da Hungria. Declarou explicitamente rezar o Rosário; associa a prática à identidade cristã e resistência cultural.

PARA SABER MAIS E MELHOR

A12. *História do Santo Rosário*. Academia Marial de Aparecida. Disponível em: https://www.a12.com/academia/cate-

quese/historia-do-santo-rosario. Acesso em: 31 ago. 2025.
ECCLESIA. *Hesicasmo e a Oração de Jesus*. Disponível em: https://ecclesia.org.br/biblioteca/monaquismo/hesicasmo_e_a_oracao_de_jesus.html. Acesso em: 31 ago. 2025.
João Cassiano. *Da oração*. Tradução de Adriano Correia Barbosa. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
NUMISENSE. *Os Mistérios do Santo Rosário*. Disponível em: https://numisense.com/misterios-santo-rosario/. Acesso em: 31 ago. 2025.
OBRA DO ESPÍRITO SANTO. *O Rosário e as Promessas da Virgem Maria ao Beato Alain de la Roche*. Disponível em: https://www.oespirito-santo.com/pt_BR/o-rosario-e-as-promessas-da-virgem-maria-ao-beato-alain-de-la-roche/. Acesso em: 31 ago. 2025.
ORAÇÃO DE JESUS. *A Espiritualidade Hesicasta – Oração de Jesus*. Disponível em: https://www.oracaodejesus.com/ensinamentos/a-espiritualidade-hesicasta/. Acesso em: 31 ago. 2025.
S. Bento de Núrsia. *Regra de São Bento*. Tradução de D. Basílio Penido, OSB. São Paulo: Vozes, 2001.

S. João Clímaco. *A Escada do Paraíso*. Tradução de Frei Inácio Larrañaga. São Paulo: Loyola, 1999.
S. Luís Maria Grignion de Montfort. *O segredo admirável do Santíssimo Rosário para se converter e se salvar*. São Paulo: Paulus, 2024. Disponível em: https://www.paulus.com.br/portal/releases/o-segredo-admiravel-do-santissimo-rosario-para-se-converter-e-se-salvar/. Acesso em: 31 ago. 2025.
SANTOS E BEATOS CATÓLICOS. *Beato Alano de La Roche – Presbítero e Apóstolo do Rosário*. 2018. Disponível em: http://www.santosebeatoscatolicos.com/2018/10/beato-alano-de-la-roche-presbitero-e.html. Acesso em: 31 ago. 2025.
Valter Maurício Goedert. *Contemplar a nossa fé pelos mistérios do Rosário*. Revista Ave Maria, São Paulo, fev. 2025. Disponível em: https://revistaavemaria.com.br/wp-content/uploads/2025/01/avemaria-fevereiro2025-14.pdf. Acesso em: 31 ago. 2025.

* * *

6
APÊNDICE
SUB TUUM PRAESIDIUM
A PRIMEIRA ORAÇÃO MARIANA

A oração cristã, conduzida pelo Espírito Santo, sempre encontrou em Maria uma presença inseparável do mistério da encarnação (CIC §2673). Desde cedo, monges e Padres da Igreja cultivaram a saudação do anjo Gabriel (Lc 1,28) e de Isabel (Lc 1,42). Já no século III, inscrições na Basílica da Anunciação em Nazaré testemunham o uso devocional da saudação "Ave Maria".

No Oriente, São João Crisóstomo (†407) e Santo Efrém da Síria (†373) exaltaram Maria em hinos e homilias. No Ocidente, Santo Agostinho (†430) e São Gregório Magno (†604) reforçaram a dimensão teológica da saudação, preparando o terreno para a oração mariana que se tornaria universal (CIC §2674).

A cooperação singular de Maria com o Espírito Santo inspirou a oração da Igreja. Entre os séculos VIII e IX, monges beneditinos e carolíngios difundiram antífonas marianas como a *Ave Regina Caelorum* e a *Salve Regina*. O Concílio de Éfeso (431), ao proclamar Maria como *Theotokos* (Mãe de Deus), deu base dogmática à invocação que mais tarde se tornaria parte da Ave-Maria (CIC §2675).

A oração foi se consolidando em duas partes. A primeira, formada pela saudação do anjo e de Isabel, já era recitada no

século XI em mosteiros cluniacenses. São Pedro Damião (†1072) e São Bernardo de Claraval (†1153) incentivaram a prática. No século XIII, São Tomás de Aquino (†1274) comentou a oração em seus escritos, destacando a fé de Maria como fundamento da bem-aventurança (CIC §2676).

A segunda parte, “Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores”, surgiu no contexto da peste negra (século XIV), como súplica pela intercessão da Mãe de misericórdia. Papas como Urbano IV (1261-1264) e João XXII (1316–1334) favoreceram a difusão da fórmula. Dante Alighieri (†1321), na *Divina Comédia*, já aludia à intercessão de Maria.

No século XV, a oração completa aparece em breviários franciscanos e cartuxos. O Papa Sixto IV (1471-1484) aprovou o uso litúrgico da Ave-Maria. Finalmente, em 1568, o Papa São Pio V, no contexto da Reforma Católica e do Concílio de Trento (1545–1563), fixou a fórmula atual no Breviário Romano (CIC §2677).

A piedade medieval difundiu o rosário, atribuído a São Domingos de Gusmão (†1221), como forma popular de oração mariana. O rosário foi promovido por papas como Pio V, que instituiu a festa de Nossa Senhora das Vitórias (depois Nossa Senhora do Rosário) em 1571,

após a batalha de Lepanto. No Oriente, o *Akáthistos* (século VI) e a *Paráclesis* mantiveram a forma coral, enquanto tradições armênia, copta e siríaca preferiram hinos populares (CIC §2678).

Maria permanece como a orante perfeita, figura da Igreja. Desde os Padres da Igreja até os teólogos modernos, como Garrigou-Lagrange (†1964), a oração mariana é vista como adesão ao desígnio do Pai que envia o Filho para salvar. Como o discípulo amado, a Igreja acolhe Maria em sua casa, sustentada por sua oração e esperança (CIC §2679).

A Ave-Maria, tal como a conhecemos, é fruto de séculos de tradição, marcada por monges, santos, papas e concílios, que a consolidaram como expressão privilegiada da comunhão entre os fiéis, Cristo e sua Mãe. Mas antes de sua forma definitiva, já existia uma oração ainda mais antiga, testemunho da piedade dos primeiros cristãos: a *Sub tuum praesidium*, datado do século III, considerado a primeira invocação direta à Virgem Maria. Se a Ave-Maria representa a maturidade da oração mariana, a *Sub tuum praesidium* é sua semente, o ponto de partida histórico e espiritual que revela como a Igreja nascente já buscava refúgio sob a proteção da Mãe de Deus.

A reconstrução de um texto não identificado e corrompido

Este trabalho é um esforço de recuperação e reconstrução do que provavelmente é um artigo cuja autoria, título e origem editorial permanecem desconhecidos. O material foi recebido em formato digital proveniente de um contato em redes sociais, na esperança da possibilidade de recuperação, ao menos parcial, do texto. O conteúdo original apresentava-se em estado severamente comprometido, com falhas evidentes de escaneamento (OCR), tradução automática deficiente e ausência de qualquer referência bibliográfica confiável. A estrutura textual estava desfigurada, com trechos desconexos, sintaxe irregular e vocabulário com indícios de português lusitano, italiano e inglês, dificultando a identificação do idioma de origem.

A reconstrução foi realizada com base em critérios de coerência interna, contextualização histórica, análise linguística e comparação com fontes acadêmicas reconhecidas. Palavras e expressões foram reconstituídas por inferência fundamentada, respeitando o conteúdo presumido e evitando extrapolações interpretativas. Elementos claramente inaproveitáveis foram excluídos, e lacunas foram preenchidas com o mínimo de interven-

ção possível, sempre com o intuito de preservar a integridade do texto original. As notas de rodapé e referências bibliográficas estavam corrompidas ou deslocadas. Quando possível, foram mantidas em seu estado original, sem tentativa de reorganização artificial. Palavras em grego, inclusive transliteradas, foram preservadas conforme recebidas. Algumas frases desconexas foram interpretadas como legendas de imagens ausentes e, por isso, suprimidas.

Este trabalho não possui valor científico pleno, dada a impossibilidade de verificação da fonte primária e a ausência de autoria identificável. No entanto, pode servir como introdução acessível ao tema para leitores leigos ou como ponto de partida para investigações mais aprofundadas sobre a oração mariana *Sub tuum praesidium* e sua tradição textual.

Caso alguém reconheça a origem deste material — seja o autor, o título original, a publicação ou qualquer referência que permita sua correta atribuição — agradece-se desde já o contato, a fim de que os devidos créditos sejam restabelecidos e o estudo possa ser devidamente referenciado.

* * *

Introdução

Muitos acreditam que a atual oração da Ave-Maria foi a primeira oração dirigida pelos cristãos à Santíssima Virgem. Isso, no entanto, não é historicamente preciso. Para chegar ao texto em uso hoje, é necessário ir além de vários séculos para chegar à escolha de adicionar à parte inicial (saudação do anjo e exclamação de Isabel) a invocação: "*Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatóribus, nunc et in hora mortis nostræ. Amen*"(1).

Nos primeiros séculos, à Virgem eram dirigidas orações com exclamações, fórmulas curtas ou com uma oração escrito no Egito. Esta última, desde as primeiras palavras da tradução latina subsequente, veio indicada com o título *Sub tuum praesidium* (Sob sua proteção) (2). Esta oração então se espalhou no Oriente — liturgias bizantina(3), armênia, siro-antioquena, siro-caldaica e malabar, maronita(4) e etíope(5) — e no Ocidente (liturgias romana e ambrosiana).

Cada comunidade fez sua própria tradução. Na versão egípcia, Maria é homenageada com os títulos de Misericordiosa, Mãe de Deus (*Theotókos*), Santa, Bem-Aventurada. Na oração romana é reconhecida como Santa, Mãe de Deus, Virgem, Gloriosa, Bendita.

Infelizmente, numa fase histórica inicial, os estudiosos não tiveram a oportunidade de conhecer imediatamente o texto primitivo, o egípcio. Por esta razão, prevaleceu a opinião de que o *Sub tuum praesidium* foi um escrito que remonta à Idade Média (período carolíngio; 800-888), utilizado, com variações, nas Igrejas locais(6). Em 1917, porém, um pesquisador inglês teve a oportunidade de adquirir um lote de papiros no Egito. Um deles relata o texto da antiga oração em grego. Isto provou que a oração remontava aos primeiros tempos do cristianismo. O documento, guardado em Manchester, Reino Unido, foi catalogado como o *Papiro Rylands 470*. Esta é a sua história.

A busca pelo papiro

Em vários períodos, mas especialmente no século XIX, diversas instituições culturais demonstraram interesse para o estudo da papirologia. Podemos citar o Museu Britânico (Londres), as Universidades de Oxford, de Genebra (Suíça), de Heidelberg (Alemanha), da Biblioteca Nacional de Viena, das Universidades dos EUA de Michigan, Cornell, Princeton, Yale, Columbia e Berkeley. Por esta razão, uma extensa busca por achados foi desenvolvida no Oriente Médio. Em solo egípcio, foram descobertos depósitos de papiros em vários locais, por exemplo Arsinoe

(*Fayyum*)(8) e Oxyrhynchus (*al-Bahnasā*)(9). Precisamente neste último local papiros do Novo Testamento foram encontrados. Estes eram fragmentos dos Evangelhos segundo Mateus, Marcos, João; da Carta aos Romanos; da II Carta aos Coríntios, da I Carta de João e da Carta aos Hebreus.

James Harris

Entre as universidades que deram atenção às pesquisas promovidas no Egito estava a Biblioteca da Universidade John Rylands (Manchester). Esta comprou vários papiros através do Dr. James Rendel Harris (1852-1941), arqueólogo, paleógrafo e historiador das religiões(11). Depois dos estudos em Cambridge, Harris lecionou na Universidade Johns Hopkins em Baltimore (Maryland), na Faculdade Haverford na Pensilvânia, em Cambridge e na Universidade de Leiden (Holanda). Ele também recebeu a missão de curador das obras manuscritas preservadas na citada Universidade John Rylands (UK). Ele viajou para o Oriente em busca de manuscritos. Na região do Sinai encontrou fragmentos bíblicos. Em particular, no mosteiro de Santa Catarina, identificou um manuscrito que continha passagens da I Carta aos Coríntios, escrita em um coluna por página(12). Harris também fez

uso extensivo do método comparativo em suas obras.

Em novembro de 1916, a I Guerra Mundial estava em pleno andamento enquanto o estudioso estava chegando ao Egito vindo da Índia. O navio em que ele estava foi atacado e afundado na área do Mediterrâneo. O estudioso foi resgatado e conseguiu chegar de avião a Alexandria, no Egito.

O *Papiro Rylands 470*

Durante sua estada em solo egípcio, Harris conseguiu comprar um lote de papiros. Entre estes, um media 18x9,4 cm. A descoberta foi posteriormente catalogada como *Papiro Rylands 470*. Trazia entre outras coisas, o epíteto Θεοτόκος (*Theotókos;* Mãe de Deus) referindo-se à Virgem Maria. Em 1917, o estudioso tentou retornar ao Reino Unido, mas seu navio foi torpedeado. Ele conseguiu chegar à Córsega de qualquer maneira. Até hoje não se sabe o local exato onde o pesquisador comprou o *Papiro Rylands 470* com o resto da coleção (Alexandria, Egito?). O local de origem dos achados também não é conhecido (um ambiente copta?)(14). Tudo o que sabemos é que a coleção permaneceu em solo egípcio até o final do conflito. Uma parte foi então entregue à Universidade de Manchester (1919)(15)

Mais tarde, Harris regressou ao Oriente Médio.

Colin Roberts

A partir de 1919, o *Papiro Rylands 470*, juntamente com os demais achados adquiridos no Egito, foi examinado por especialistas da Biblioteca da Universidade John Rylands, em Manchester. Os estudiosos procuraram compreender as palavras do texto e o possível uso da descoberta na Antiguidade.

Em 1938 a instituição citada publicou os resultados da atividade científica desenvolvida por membros da universidade. Ela apresentou o Catálogo de Papiros Gregos e Latinos(16). Os curadores da obra foram o Dr. Colin Henderson Roberts (1909-1990)(17) e o papirologista Sir Eric Gardner Turner (1911-1983)(18). Roberts, em particular, foi um estudioso de textos do mundo antigo, desempenhou o papel de editor e trabalhou como secretário do comitê científico da Oxford University Press. Em 1973 ele recebeu um prêmio por seu trabalho de suporte da papirologia.

Na publicação do referido Catálogo, Roberts teve a tarefa de indicar a datação do *Papiro Rylands 470*. Neste ponto, o estudioso, antes de observar sua própria convicção, relatou a opinião de um amigo, o papirologista e filólogo clássico

romeno-britânico Edgar Lobel (1888-1982)(19). Esta é a passagem que nos interessa: “Lobel não estaria disposto a datar o 470 depois do terceiro século” [“Lobel não estaria inclinado a colocar (a datação) em 470, após o século III”](20).

Edgar Lobel

De fé anglicana, após os estudos em Oxford e posterior especialização em Alemanha em história helenística, no início do século XX começou a trabalhar no Museu Britânico. Ele foi designado para o departamento de manuscritos. Quase imediatamente, e em parte por acaso, viu-se direcionado para o estudo do papiro por Sir George Frederic Kenyon (1863-1952)(21). Juntamente com este último, Lobel editou o terceiro volume dos Papiros Gregos do Museu Britânico; ele mais tarde publicou os próximos dois volumes de forma independente. Naquela época, ele era considerado um dos melhores especialistas na decifração de textos mutilados. Lobel conheceu Roberts tendo preparado com ele uma edição dos papiros Oxyrhynchus. Considerando apenas as razões paleográficas, este estudioso declarou-se relutante para colocar o *Papiro Rylands 470* além do século III.

O debate sobre o papiro começa

Após relatar a opinião de Lobel, Roberts esclareceu sua crença. A descoberta, para este estudioso, datava da última parte do século IV. Para chegar a esta afirmação ele, primeiro pela paleografia, quis destacar uma questão literária e teológica. Seu raciocínio era centrado no título *Theotókos* (Mãe de Deus)(22). Tal expressão, argumentou Roberts, tinha sido usado pela primeira vez pelo bispo Atanásio de Alexandria, no Egito (falecido em 373). Mas tais trabalhos individuais são difíceis de datar, e é quase incrível que uma oração dirigida diretamente à Virgem nestes termos pudesse ter sido escrita no século III. A Virgem é chamada de *Theotókos* por Atanásio, mas não há nenhum vestígio nem mesmo orações privadas dirigidas a ela antes da última parte do século IV(24).

Uma observação

O título *Theotókos* não é encontrado expressamente no Novo Testamento. No entanto, lemos alguns expressões que contêm esta verdade em essência. Na verdade, diz-se de Maria que ela concebeu e gerou um filho, que é Filho do Altíssimo, santo e Filho de Deus (Lc 1,31-32,35). Além disso, Maria é chamada “Mãe de Jesus” (Jo 2,1.3; At 1,14), “Mãe do Senhor” (Lc 1,43) ou simplesmente “mãe”, “sua mãe”, como várias vezes no

capítulo 2 do Evangelho segundo Mateus. Maria, portanto, não começa a ser "Mãe de Deus" no Concílio de Éfeso em 431, assim como Jesus não começa ser "Deus" no Concílio de Nicéia em 325, que o definiu como tal. Eles eram assim antes também. O de Nicéia foi o momento em que a Igreja, no desenvolvimento e expressão da sua fé, na presença de heresias, tomou plena consciência desta verdade e tomou posição sobre ela.

Harold Bell

Depois de Roberts e Lobel, a crônica da época registra a avaliação de um terceiro inglês: sir Harold Idris Bell (1879-1967)(25), papirologista especializado em achados egípcios do período romano. Ele também conduziu pesquisas sobre a literatura galesa. Em 1903, este autor começou a trabalhar no Museu Britânico (onde permaneceu até 1944) como assistente do departamento de manuscritos e tornou-se vice-diretor (1927) e diretor (1929). Durante quinze anos ele ensinou papirologia no Oriel College, Oxford. Ele publicou estudos sobre papiros gregos e egípcios. Com referência ao *Papiro Rylands 470,* Bell observou que a descoberta continha escrita em letras unciais(26) altas e retas, estreitas e ao mesmo tempo arejadas, com elementos ornamentais. Por esta razão, ele perma-

neceu da opinião de estar na presença de um “modelo para gravador”. Roberts compartilhou a opinião de Bell.

D. Feuillien Mercenier, OSB

À contribuição oferecida por estes estudiosos foi acrescentada a de um monge beneditino. Seu nome era Dom Feuillien Mercenier, OSB (1885-1965)(27). Viveu em um mosteiro em Chevetogne (Bélgica). Após os estudos básicos no St Joseph’s College, em Virton, ele ingressou na abadia de Maredsous, no outono de 1904. Acolhido no noviciado com o nome de Irmão Feuillien, professou em 1906. No outono de 1946 foi autorizado a estudar os melquitas(28). Ele permaneceu vários meses na Síria, no Líbano, na Palestina e no Egito, e então voltou para Chevetogne, onde permaneceu até sua morte. Durante este período, ele pediu para receber um novo nome como religioso: Eutímio (ligado à fundação de São Sabas)(29).

No contexto descrito, um fato permanece significativo. Antes de 1939, Mons. Étienne Van Cauwenbergh (1890-1964)(30), chefe da biblioteca da Universidade Católica de Louvain(31), conseguiu o Catálogo editado por Roberts e Turner. Depois de examiná-lo, ele começou um contato com D. Mercenier, e chamou a atenção do monge para o *Papiro*

Rylands 470, destacando alguns aspectos. Mais tarde, o Cônego Louis Theophile Lefort (1879-1959)(32) , um estudioso copta, forneceu a Mercenier o texto do papiro e a tradução latina da versão em copta. Especialista em estudos orientais e litúrgicos, o religioso reconheceu a invocação mariana do *Sub tuum praesidium*. Após cuidadoso estudo, ele apresentou uma reconstrução da oração com base nas fórmulas litúrgicas em uso nos ritos copta(33) e bizantino(34).

Importância da contribuição de Mercenier

A contribuição de Mercenier permanece significativa até hoje porque Roberts perdeu a natureza específica da oração. Talvez isso tenha ocorrido devido às lacerações presentes no lado direito do achado. Levando em conta o está escrito no *Papiro Rylands 470*: [...] εὐσπλ [...] καταφε [...] Θεοτόκετ [...] ἱκεσίαςμὴπαρ ίδῃςἐνπεριστάσει [...] ἀλλἐκκινδύνων [...] ρωσαιήμᾶς Você [...] [...] ηεὐλογημένη [...], o texto completo da oração em grego foi apresentado da seguinte forma:

Ὑπὸ τὴν σὴν εσπλαγχνίαν, καταφεύγομεν, Θεοτόκε ἡμῶν ἱκεσίας, μὴ παρίδῃς ἐν περιστάσει, ἀλλ᾽ ἐκ κινδύνων λύτρωσαι ἡμᾶς, μόνη sim, μόνη εὐλογημένη.

[Em tradução mecânica, seguida por ajuste livre pelo preparador:
Na aflição, nós nos refugiamos em vós, ó Mãe de Deus, em nossa súplica, não no deixes em perigo, mas livra-nos do perigo, somente sim, somente abençoado.]

Tradução literal do latim

Ad tuam curam confugimus, Nostrae Theotokoe precationis, ne nos in hoc deserat situ, sed a periculis nos libera, solus sim, solus beatus.Refugiamo-nos sob a tua misericórdia, Mãe de Deus.

Nos refugiamos em seus cuidados, nossa oração Mãe de Deus, não nos deixe nesta situação, mas livra-nos dos perigos, posso ficar sozinho, sozinho feliz.

Versão romana

Sub tuum praesidium confugimus, sancta Dei Genetrix; nostras deprecationes ne despicias in necessitatibus nostris, sed a periculis cunctis libera nos semper, Virgo gloriosa et benedicta.

Refugiamo-nos sob a tua proteção, santa Mãe de Deus; não desprezes as nossas súplicas nas nossas necessidades, mas livra-nos sempre de todos os perigos, Virgem gloriosa e bendita.

Comentários

O texto da invocação, muito curto, transcrito no *Papiro Rylands 470*, constitui a mais antiga oração dirigida à Virgem Maria (final do século III), e inclui uma série

de invocações pré-existentes. Abaixo estão as exclamações individuais, que foram então combinadas em um texto único.

a] *Sub tuum præsidium confugimus*, b] *Sancta Dei Genetrix*; c] *nostras deprecationes ne despicias in necessitatibus nostris*, d] *sed a periculis cunctis libera nos semper*, e] *Virgo gloriosa et* f] *benedicta*. *Amen*.

A redação do texto do *Sub tuum praesidium* ocorreu nos meios cristãos do Egito. De deste país, difundiu-se pelos diversos territórios evangelizados através de uma série de traduções não homogêneas. A súplica à *Theotókos*, como toda oração litúrgica antiga, é inspirada em textos bíblicos e utiliza expressões gregas já presentes na Bíblia Septuaginta(37).

O início da oração evoca uma imagem, a da sombra das asas. Esta expressão, para semitas e egípcios, era um símbolo de proteção divina: *hypò tēn sképtēn tês*... (38) E é também significativo o fato de o termo sagrado *sképtē* (*praesidium*) ser preservado, sem traduzi-lo. O conceito de *alarum* também é encontrado nas versões siríaca, siro-caldaica e armênia.

Na composição em questão é revelada a mesma situação espiritual que está presente nos Salmos: indivíduos que imploram a ajuda imediata do Senhor, refúgio

(*kataphygē*) e libertador (*rhystēs*) dos fiéis na hora do perigo(39).

Também em outro papiro muito antigo, encontrado em 1907 perto do mosteiro copta de Dêr-Balyzéh (Alto Egito), há uma oração contendo uma expressão ("*allà rhysai hēmâs apò pantòs kindynou*") que lembra o "*periculis cunctis*" destacado no *Papiro Rylands 470*(40).

Neste contexto, surgem evidências: a súplica à *Theotókos* manifesta a voz da Igreja do mártires. Na verdade, faz-se referência a um estado de grande "necessidade" (gr. *perístase*). Não é difícil pensar nas perseguições anticristãs, em particular as de Décio(41) e Valeriano(42). Já a perseguição do imperador Diocleciano(43) em 304 foi tão violenta no Egito que ainda hoje a Igreja Copta começa a contar os anos a partir desse momento, denominado "ano dos mártires". Episódios trágicos ocorreram precisamente nas áreas onde o texto em questão foi composto(44).

Expressão da fé do povo

A invocação à *Theotókos* remete, portanto, a um período de tensões, adversidades e perseguições de vários tipos. O cristão busca a proteção da Virgem. É colocado na sombra (ou seja: abrigado) de sua *eusplanchnia*. Este não é o *éleos* dos Salmos (atributo de Deus), mas a grande

misericórdia e solicitude do coração materno. Estamos diante de uma oração dirigida à Mãe de Deus em particular, encontrando o termo *Theotókos* em um texto que lhe diz respeito.

Considerando então, como no período anterior ao Concílio de Éfeso (431), este termo dogmático encontrado em autores ligados à Escola de Alexandria, pode-se perceber neste fato uma influência da liturgia alexandrina, e a dureza da luta antinestoriana é explicada(45). O bispo de Alexandria do Egito, Cirilo (370-444), não lutou de fato por um termo derivado de uma especulação teológica, mas por uma expressão espontânea da fé do povo, implementada no uso litúrgico(46).

Uma observação

Em tempos relativamente recentes, surgiram autores que pretenderam apresentar a *Theotókos* como figura derivada da deusa Aset (egípcio) ou Ísis (grego). Esta comparação permanece deficiente por vários motivos. A história do culto de Aset-Ísis é marcada a partir de evidências precisas. Em geral, esta é uma divindade menor do antigo Egito. Irmã e esposa de Osíris, deus dos mortos, e mãe do deus-falcão Hórus, ela também era uma feiticeira. Muito comprometida com aquele último, ela conseguiu dobrar até mesmo o poderoso deus do sol Rá à sua vontade.

Ísis tornou-se popular durante o Novo Reino. Sua imagem, porém, foi inicialmente filtrada pela interpretação grega, que a comparou a Deméter(47), mudando acentuadamente no final dos períodos helenístico e romano. O culto de Ísis tornou-se misterioso. Nesta fase existem vários depoimentos. Destes, o mais conhecido está contido no livro XI das *Metamorfoses*, de Apuleio(48), e em citações de historiadores e geógrafos(49). Nas cidades, mesmo que entre os epítetos no culto da deusa estivesse o de "mãe de um deus", deve-se lembrar que este fato permanece secundário e não excepcional na religião politeísta da época.

Em particular, esta indicação permanece de pouca importância, porque Ísis é apresentada pelos seus iniciados como a πανθέα μυριόνομος, a "deusa universal de muitos nomes". Desta forma, ela permanece uma espécie de divindade única e suprema dos quais os ídolos e deuses dos vários cultos politeístas de cada povo eram apenas formas distintas de onde ela aparece sozinha. Em última análise, estamos diante de uma figura de uma única deusa, típica dos cultos misteriosoa(50), que, no entanto, não se sobrepõe à Maria, a *Theotókos*(51).

Considerações diversas

A oração contida no *Papiro Rylands 470* traça um caminho para a espiritualidade de todo cristão, e é confirmada em seu conteúdo pelas evidências oferecidas por múltiplos estudos.

1] Na investigação científica, a descoberta e estudo do papiro demonstrou-se a importância do trabalho especializado interdisciplinar. Esta observação surge constantemente observando pesquisas que atravessam múltiplas fases históricas. No campo Mariológico, o pensamento se volta — por exemplo — aos grafites da necrópole vaticana (invocações marianas com o sinal "M")(52). Mas não se pode esquecer as descobertas ocorridas nas catacumbas de Priscila (Roma): um epitáfio mariano (finais do século II)(53) e uma pintura (num cubículo do século III) representando um bispo que, no ato de impor o véu sagrado a uma virgem, aponta para Nossa Senhora como modelo. Notável também foi também a descoberta de grafites encontrados em Nazaré. Entre estes, um traz a exclamação: *XE MAPIA*, abreviatura de *K(àir)e Maria*, que significa: "Alegra-te, Maria!". O grafite está gravado em um gesso que veio à tona após a retirada do mosaico bizantino sobreposto que cobria a base de uma coluna na basílica mais antiga de Nazaré(54).

2] Do lado dogmático, o texto não contém apenas uma afirmação explícita da maternidade divina de Maria. Também expressa uma alusão à sua pureza imaculada. Na verdade, ela proclama a Santa Virgem como "a única pura" (*hē monē hagnē*), "a única casta e abençoada" (*kaì hē eulogēménē*).

3] No contexto eclesial, o estudo do documento demonstra que, desde as origens do cristianismo, os fiéis voltam-se de modo filial, direto e unânime à Virgem Maria e à sua divina maternidade. Somente quando foram levantadas questões cristológicas que também tiveram efeitos negativos sobre o título de *Theotókos* atribuído à Maria tornou-se necessária a convocação de um Concílio Ecumênico (Éfeso).

4] No nível espiritual, permanece uma consideração fundamental. Embora o debate esteja agora confuso sobre a datação do papiro(55), permanecem algumas realidades históricas. Dizem respeito à vida dos primeiros monges e leigos no Egito. Os religiosos da época, meditando nos textos evangélicos, olhavam para Maria com delicadeza e veneração. Eles identificaram a sua função materna no plano divino. E as mesmas pessoas, de forma simples, conseguiram expressar uma filialidade espontânea, desvincu-

lada de codificações em detalhes. Tudo isso continua sendo um ensinamento atual, composto por três aspectos essenciais: a reflexão sobre o *Maria-auxilium*; o imediatismo de um encontro pessoal; a unanimidade de um movimento eclesial.
5] Num contexto comparativo é possível notar algumas evidências. Certamente a oração do *Sub tuum Praesidium* atesta um *continuum* de filialidade mariana desde os primeiros séculos do cristianismo, porém com características diferentes do texto da Ave Maria. A oração, de fato, exprime-se numa forma e objeto direto e não intercessório de oração, é um pedido de proteção contra todos os tipos de perigo, das tentações do mal e dos riscos relativos à vida material, como doenças, acidentes e pobreza.

Algumas notas resumidas

Durante um período considerável vários autores quiseram defender suas crenças. A devoção mariana, esta era a tese, constitui um fato histórico:
1] não ligado aos primórdios da Igreja,
2] não próximo da fé,
3] não presente na vida das primeiras comunidades cristãs.
Tal posição tem sido questionada por diversos autores, que destacaram vários fatores. De uma parte foi lembrada a longa tradição que, desde o nascimento do

cristianismo, atesta a veneração à Mãe de Jesus. Faz-se então referência a diversas manifestações do culto mariano: grafites, invocações, memórias históricas, visitas devocionais. Neste contexto, a descoberta do *Papiro Rylands 470* confirmou uma filiação popular à Virgem Maria que não passava por aqueles elaborações religiosas que na Idade Média produziram canções, orações e antífonas(57). Em vez disso, este movimento espontâneo foi expresso com invocações imediatas, depois recolhidas em muitas orações simples.

Este fato permanece significativo porque a oração do *Sub tuum praesidium* não testemunha tanto um longo caminho de sabedoria como uma iniciativa imediata dos simples, dos perseguidos, que pedem ajuda na hora do perigo àquela que, como Mãe, pode compreender dramas familiares.

Atualmente não é fácil localizar os locais onde se realiza a oração do *Sub tuum praesidium*. Os passos do pesquisador avançam agora entre ruínas de cenóbios, mosteiros, de edifícios cujos sinais perimetrais permanecem, de locais de culto. Torna-se assim problemático reconstruir a vida cotidiana dos seguidores de Jesus de Nazaré em certas áreas do cristianismo antigo. Muitos devastações estão

ligadas aos períodos de perseguição (meados do século III), às invasões islâmicas (de 640), à destruição sistemática de sítios, bibliotecas e material iconográfico.
Apesar disso, a pesquisa histórica confirmou isso no início do século III. A Igreja de Alexandria desenvolveu-se significativamente, com cinco novos bispados sufragâneos. Foi nesso período em que o Bispo de Alexandria passou a ser chamado de "Papa", na qualidade de bispo sênior no Egito. Em meados do século III o fenômeno do eremitismo se espalhou no Egito. Os "Padres do Deserto" não só desenvolveram uma espiritualidade penitencial e de sacrifício, mas suscitaram mais discípulos e protegeram achados importantes para a vida eclesial da época (por exemplo, papiros). Outras evidências surgiram do estudo da liturgia copta do Natal do século III. No período atual existem muitos testemunhos cristãos do Antigo Egito(58).
A descoberta do *Papiro Rylands 470*, por exemplo, marcou uma virada no conhecimento das orações locais e, sobretudo, confirmou uma série de "títulos" atribuídos à *Theotókos*. Além disso, o *Sub tuum praesidium* é uma invocação comunitária ("encontramos refúgio"; "nós que estamos em provação") que conseguiu um feito notável. O de fazer ouvir as vozes, as

respirações e os movimentos da alma, onde tudo é marcado pela confiança e onde tudo está aberto a confiar e esperar. Por exemplo, no Ocidente, *Ave, Regina Coelorum*; *Alma Redemptoris Mater*; *Salve Regina* e *Regina Coeli*.

Notas

1

2 Vários autores acreditam que o texto do *Sub tuum praesidium* é um *tropàrion*, ou seja, uma composição poético-musical. Tropário: do gr. tarde τροπάριον, der. de τρόπος «caminho».

3 Na liturgia bizantina a oração é usada como *theotokìou* (tropário em honra da Mãe de Deus) para Vésperas de fim de semana, sempre associadas à Ave Maria que precede como primeiro tropário (*Theotòke parthéne presidente*).

4 Os maronitas fazem uso frequente dela com a Ladainha de Loreto.

5 A Igreja Arménia, e as Igrejas Siro-Antioquia, Siro-Caldeia e Malarab, Maronita, Etíope, mesmo que não eles têm o Sub tuum praesidium em sua liturgia, porém o usam em livros devocionais.

6 Na Idade Média a oração era recitada no VI Domingo do Advento, entre as antífonas ou sallendas litânica (a salenda era cantada no final das primeiras vésperas).

7 Para uma história das descobertas, cf: M. Capasso, Introdução à papirologia, Il Mulino, Bolonha 2005, pp. 145-153.
8 AA.VV., Arsinoe 3D. Redescoberta de uma cidade perdida do Egito greco-romano, editado por F. Maltomini e S. Parrinello, Firenze University Press, Florença 2023. S. Curto, Atlas de arqueologia, Utet, Torino 1998, p. 316.
9 Um número substancial de papiros de Oxyrhynchus está atualmente preservado no Museu Ashmolean (Universidade de Oxford). Veja também: https://it.wikipedia.org/wiki/Papiri_di_Ossirinco
10 Evidentemente, os curadores das instituições científicas interessadas em papirologia tinham um mandato para comprar o maior número possível de papiros. Isto também foi possível graças a um mercado próspero mais ou menos oficial.
11 A nível religioso, o Dr. James Rendel Harris fazia parte de uma comunidade de Quakers. C. Bernet, Harris James Rendel, em: 'BiographischBibliographisches Kirchenlexikon'. Banda XXX. Spalten 557-569, Verlag Traugott Bautz Gmbtt, Nordhausen (Alemanha). ‘Boletim da Biblioteca John Rylands’, Aviso de obituário, vol. 26, 1941, pp. 10-14.

12 J. Rendel Harris, fragmentos bíblicos do monte Sinai, C.J. Clay and Sons, Londres 1890, pp. 54-56.
13 A Primeira Guerra Mundial durou do verão de 1914 até o final de 1918.
14 A palavra copta deriva do grego *Aigypto* e significa Egito. Os coptas são descendentes diretos dos antigos egípcios.
15 Informações fornecidas ao autor pelo Dr. John Hodgson, Gerente de Coleções e Apoio à Pesquisa (‘Manuscritos e Arquivos'). Biblioteca da Universidade John Rylands. Universidade de Manchester, 150 Deansgate, Manchester. Arquivo privado do prof. Guiducci. Arquivo 'Correspondência com a Universidade de Manchester (Reino Unido)'.
16 M.C.H. Roberts e E.G. Turner, Catálogo dos papiros gregos e latinos na Biblioteca John Rylands, Manchester, III: 'Textos teológicos e literários', University Press Manchester, Manchester 1938, pp. 46-4.
17 Para dados biográficos deste estudioso, cf: Oxford Dictionary of National Biography, em associação com o Academia Britânica, desde os primeiros tempos até o ano 2000, H. Colin Gray Matthew-B. Howard Harrison, Oxford University Press, Oxford 2004. Cf: Colin Henderson Roberts (1909-1990)', volume 61. Cf também D. Russell-P.J. Parsons, Anais da Aca-

demia Britânicay, 84, 1994, pp. 479-483; MW Haslam, Dicionário de Britânico Classicistas, 1500-1960, R. Todd (ed.), I-III, Thoemmes Continuum, Bristol 2004. Cf: III, pp. 826-827. D. Russel (rev.), Dicionário Oxford de Biografia Nacional, op. cit., 47, pp. 143-145.

18 DH Fowler, Eric Gardner Turner (1911-1983). In memoriam, em: 'Historia Mathematica', II, 1984, 126-130.

19 Dr. Edgar Lobel foi um notável papirologista. Nas suas numerosas publicações demonstrou uma particular capacidade de análise de documentos e reconstrução histórica, primeiro no contexto do Egito Bizantino e depois do Egito romano. Digno de nota é o seu trabalho intitulado: Judeus e Cristãos no Egito. Cf: M.W. Haslam, DBC, 2, pp. 587-588; H. Lloyd-Jones (rev.), Dicionário Oxford de biografia nacional, op. cit., 34, pp. 201-202.

20 M.C.H. Roberts e E.G. Turner, op. cit., pág. 46.

21 Sir George Frederic Kenyon foi um paleógrafo e um estudioso da história bíblica e clássica. Graduado em literatura (Universidade de Oxford), começou a trabalhar no Museu Britânico (1889) do qual se tornou diretor. Seu livro A Bíblia e Manuscritos Antigos (1895) fez uma contribuição notável, baseada em papiros egíp-

cios e outras descobertas arqueológico, a respeito da historicidade dos Evangelhos. Ele também foi presidente da Academia Britânica (1917-1921). No Em 1920 ele se tornou presidente da Escola Britânica de Arqueologia em Jerusalém.

22 O termo Theotókos (Θεοτόκος) é composto por um substantivo e um verbo: *Theós* e *tíktō* (Θεός τίκτω). O o primeiro termo significa Deus, o segundo significa dar à luz. 'ele havia usado em um tratado teológico em a norma da vida celestial", em: Atanásio de Alexandria, Tratado sobre virginitate, descoberto e publicado por Th. Lefort, em: 'Le Muséon', n. 42, 1929, pp. 197-264. A citação encontra-se na pág. 239.

23 Agora, afirmou Roberts, a transição da teologia para a liturgia não acontece rapidamente. Por esta razão, o Papyrus Rylands 470 não poderia preceder o último período do século IV. A passagem relevante é relatada abaixo: "Mas tais mãos individuais são difíceis de datar, e é quase incrível tratar uma oração dirigida diretamente à Virgem nestes termos poderia ser escrito no século III. A Virgem foi falada como theotókos por Atanásio; mas não há evidência nem mesmo de oração privada dirigida a ela antes última parte do século IV".

24 M.C.H. Roberts e E.G. Turner, op. cit., pág. 46.
25 https://en.wikipedia.org/wiki/Idris_Bell.
26 Uncial é uma antiga escrita maiúscula.
27 Sobre dom Feuillien (Euthyme) Mercenier há um artigo (escrito por ocasião de sua morte) de dom O. Rousseau publicado em: 'Irénikon', n. 38, 1965, pp. 103-108. Mais informações podem ser encontradas no artigo de Dom L. Vos, Amay-Chevetogne et le Proche-Orient: de la Foundation (1925) au Concile Vaticano II (1962), em: 'Mélanges en mémoire de Mgr Néophytos Edelby (1920-1995)', editado por PP. Nagi Edelby e Pierre Masri, Beirute, Cedrac, Université St. Joseph, Beirute 2005, pp. 480-485.
28 “Melkita” é o termo com o qual se identificam os católicos de rito bizantino e de língua árabe.
29 Eutímio (377-473; Santo). Anacoreta. Ele fundou vários laures (colônias de monges) na Palestina.
30 É muito interessante o trabalho deste estudioso: Scrinium Lovaniense. Mélanges históricas, ed. E.Van Cauwenbergh, publicação submetida pelo Ministère de l'Instruction Publique, Duculot-Gembloux, Lovaina 1961.
31 Seg. Cauwenbergh foi responsável pela biblioteca de 1919 a 32 Destaca-se a

obra: L.TH. Lefort, Literatura Egípcia nos Últimos Séculos Antes da Invasão Árabe, “Crônica do Egito”, não. 6, 1931.

33 A liturgia copta preservou quase inteiramente a fórmula original oferecida pelo papiro grego, e ainda hoje, pelo menos entre os católicos, é usado nas Vésperas.

34 F. Mercenier OSB, A Antiga Maria Grega. O mais antigo, em: ‘The Museum’, Review of Oriental Studies, 52, Lovaina, 1939, pp. 229-233.

35 A fórmula romana encontra-se no Antifonário de Compiègne dos séculos IX-X, entre as antífonas do Evangelho, uma série de antífonas que se intercalavam entre os diferentes versos de Bento XVI para a festa da Assunção de Maria.

36 O texto da liturgia ambrosiana deriva do bizantino, mas parece remontar aos anos do bispo de Milan Ambrose (339/340-397; Santo), também pela tradução incorreta "ne inducas in tentationem" (em vez disso de: “ne despicias in necessitate”), o que não pode ser atribuído a Ambrósio que conhecia bem o grego. Esta variante, no entanto, pode não pertencer à tradução original, podendo ser uma contaminação tardia. da oração dominical.

37 A Bíblia Septuaginta foi a primeira versão grega do Antigo Testamento. Foi es-

crito entre o século III. a.C. e o século 2 aC. para responder às necessidades de adoração dos judeus residentes no Egito e, mais geralmente, fora da terra de Israel.

38 N. Lohfink, Na sombra de suas asas. Meditações sobre o Antigo Testamento, Piemme, Casale Monferrato 2002. Cf. também Salmo 16.8 (“Guarda-me como a menina dos teus olhos, protege-me à sombra das tuas asas”).

39 Salmos: 16 (“Protege-me, ó Deus: em ti me refugio…”), 17 (“Ouve, Senhor, a minha justa causa, / fica atento ao meu clamor...”), 28 (“Eu clamo a ti, Senhor, minha rocha...”), 30 (“Eu te exaltarei, Senhor, porque tu me levantaste ...”), 90 (Senhor, tu foste um refúgio para nós...”), 114 (“Quando Israel saiu do Egito...”), 141 (“Senhor, A ti clamo, vinde em meu auxílio..."), 142 ("Com a minha voz clamo ao Senhor...").

40 fol. Eu retomo, ll. 8-12: PO 18, 425 e 428; CH. Roberts - B. Capelle (Dom), Um antigo Euchologium. O Papiro DêrBalizeh ampliado e reeditado, Bureaux du Muséon, Louvain 1949, p. 14.

41 Caio Messius Quinto Trajano Décio (201-251). Imperador romano de 249 até sua morte.

42 Publius Licinius Valerianus (200ca - morreu depois de 260). Imperador Ro-

mano de 253 a 260. Em seu período O bispo Cipriano (santo; 210ca-258) foi martirizado na África, enquanto em Roma foram condenados à morte Sisto II (eleito Pontífice em 257, morto em 258; Santo) com o diácono Lorenzo (225?-258; Santo).

43 Diocleciano (244-313). Imperador romano de 284 a 305.

44 I. Cecchetti, *Sub tuum praesidium*, em: 'Enciclopédia Católica', vol. XI, col. 1468-1472, Cidade do Vaticano 1948-1954.

45 Nestório (381ca-451ca). Bispo e teólogo sírio. Patriarca de Constantinopla de 428 a 431. Ele foi acusado afirmar a separação das duas naturezas de Cristo (humana e divina), negando a sua união hipostática. De Consequentemente, Maria – para Nestório – teve que ser definida como “mãe do homem Jesus” e não “Mãe de Deus”. Lá A posição de Nestori foi condenada pelo Concílio de Éfeso (431).

46 G. Gianberardini, O “Sub tuum praesidium” e o título “Theotókos” na tradição egípcia, em: 'Marianum', n. 31, 1969, 2-4, pp. 324-362.

47 Divindade da religião grega, filha de Cronos e Reia. Ele presidiu a natureza, as colheitas e as colheitas.

48 Lúcio Apuleio (125ca-pós 170). Nasceu em Madaura (atual Argélia). Escritor, filósofo.
49 Para uma lista de testemunhos transcritos em papiros, cf.: P. Scarpi (ed.), As Religiões dos Mistérios. Vol. 2: Samotrácia, Andânia, Ísis, Cibele e Átis, Mitraísmo, L. Valla/Mondadori, Milão 2013.
50 Não é coincidência que o Cristianismo monoteísta tenha sido assimilado por historiadores pagãos antes de eles chegarem identificar as diferenças radicais.
51 Cf também: A. Rolle, Dall'Oriente a Roma. Cibele, Ísis e Serápis nas obras de Varrão, Edições ETS, Pisa 2017.
52 Entre 1952-1965 a arqueóloga Margherita Guarducci (1902-1999) estudou os chamados parede de grafite. Lá ele descobriu grafites com o nome de Pietro, expresso com as letras P, PE, PET, e geralmente combinado com o nome de Cristo, com o símbolo de Cristo, com a sigla de Cristo e com o nome de Maria. Em outros grafites veio identificou aclamações à vitória de Cristo, Pedro e Maria.
53 Epitáfio de Vericundus nas catacumbas de Priscila, em Roma, datável segundo a estudiosa Margherita Guarducci no final do século II. Dentro do nome há um ‘M’ inserido, que indica Maria, com o objetivo de desejar ao falecido sua proteção na vida após a morte.

54 P.L. Guiducci, Pesquisa histórica sobre os primeiros séculos da Igreja, em: 'História em Rede', Revista de divulgação histórica (online), 1º de janeiro de 2017.
55 Atualmente permanece uma convergência considerável entre os estudiosos no reconhecimento de que o Papiro Rylands 470 não pode ser datado além do século III. A data mais provável é por volta da época da perseguição de Décio. Neste ponto, a documentação que me foi enviada relativa à datação do Papiro Rylands 470 ao século III, pela Dra. Madeleine Scopello, Correspondente do Instituto, Directeur de pesquisa no C.N.R.S, Université de Paris IV-Sorbonne. Além de sua opinião, a especialista lembra os estudos de Nigel Turner e os de Van Halst.
56
57
58 Cf também: AA.VV., Egito e a Bíblia dos Judeus aos Coptas, em: 'O mundo da Bíblia', revista de cultura bíblica, Elledici, n. 4, 2014. P. Parsons, A descoberta de Oxirrinco. A vida cotidiana no Egito na época romana, Carocci, Roma 2019. S. Pasi, pintura cristã no Egito. Das origens à conquista árabe, Edições de Girassol, Ravenna 2008.

Bibliografia

A. Camplani. Cristianismo no Egito antes e depois de Constantino, em: AA.VV.,

'Constantine I°. UM enciclopédia sobre a figura, mito, crítica e função do imperador do chamado édito de Milão, 313-2013 (ou Enciclopédia Constantiniana)', 3 vols., Instituto da Enciclopédia Italiana Treccani, Roma 2013.
C. Mafera, Quando a Paleografia vem em auxílio da História e da Teologia: “Sub Tuum Praesidium”: a oração mariana mais antiga, em: 'Voz de São Paulo', site online, 13 de junho de 2014.
E. Dal Covolo - A. Serra, História da Mariologia. Do modelo bíblico ao modelo literário, Città Nuova Editora, Roma 2008.
F. Mercenier osb, La plus ancienne prière à la Vierge. Perguntas liturgiques et paroissiales, em: 'Muséon', 25, 1940, pp. 33-36.
G. Giamberardini, O culto mariano no Egito, 3 vols., Studium Biblicum Franciscanum, Franciscano Imprensa, Jerusalém 1975-1978. Cf I° vol. (séculos I-VI), pp.71-74, 273-275.
H. Förster, Zur ältesten Überlieferung der marianischen Antiphon Sub tuum praesidium, em: 'Biblos', 44, 1995, pp. 183-192.
Id., A Virgem Maria no Egito. Antologia de textos, Aracne, Roma 2009.
Id., Antes da Ave Maria, em: 'BBC History Italia', n. 12, abril de 2012, pp. 40-42.
Id., O Sub tuum praesidium e o título Theotokos na tradição egípcia, em: 'Ma-

rianum', 31, 1969, fasci. 2-4 (96), pp. 324-362.
Id., Sub tuum praesidium. A descoberta do mais antigo tropàrion devocional cristão a Maria, Mãe de Deus, em: 'Salesianum', ano LXXV, n. 2, abril-junho de 2013, pp. 235-249.
L. Lehnus, Edgar Lobel, em: M. Capasso (ed.), 'Hermae: Scholarships and Scholarship in Papyrology', vol. II, Fabrizio Serra Editore, Pisa e Roma 2010.
M. Cappozzo, Cristianismo no Médio Egito, Tau, Assis 2008.
M. Naldini, Cristianismo no Egito. Cartas privadas nos papiros dos séculos II-IV, Edizioni Dehoniane, Bolonha 1970.
M. Stroppa, Palavras e imagens. Assim, a devoção a Maria nos antigos papiros egípcios, em: 'Avvenire', 31 de outubro de 2018.
P.L. Guiducci, O Santo Rosário na piedade popular. Aspectos históricos, em: 'Maria Auxiliadora', n. 4, 2007.
R. Cantalamessa, A Theotokos como sinal da correta fé cristológica à luz dos Concílios de Éfeso e Chalcedon, em: 'Theotokos', Ano III, 1995/2, Edizioni Montfortane, Roma 1995, pp. 385-403.
R. Iacoangeli, Sub tuum praesidium. A mais antiga oração mariana: filologia e fé, em: AA.VV, 'La A Mariologia na catequese

dos Padres (Era Pré-Nicena), editado por S. Felici, LAS, Roma 1989, pp. 207- 240.
S. De Fiores - S.M. Perrella - V. Schiefer Ferrari, Mariologia, San Paolo, Cinisello Balsamo 2009.

Agradecimentos

Prof. Michael W. Haslam, Especialista em Literatura Grega e Papirologia, UCLA, Departamento de Clássicos, Universidade da Califórnia. Dr. John Hodgson, Gerente de Coleções e Apoio à Pesquisa (Manuscritos e Arquivos), Biblioteca da Universidade John Rylands, Universidade de Manchester. P. Antônio Lambrechts, Bibliothécaire, Monastère bénédictin, Chevetogne (Bélgica). Prof. Massimo Pinto, Departamento de Ciências Antigas, Universidade de Bari. Dra. Madeleine Scopello, Correspondente do Instituto, Diretor de Pesquisa do C.N.R.S., Universidade de Paris IV-Sorbonne. Dr. Jan Wilkinson, Bibliotecário Universitário e Diretor da Biblioteca John Rylands, Universidade de Manchester.

* * *

Do mesmo autor

Série **O Pequeno e Prático Guia do Católico Raiz**:

— para a Santa Missa;

— para o Leitor Litúrgico;

— sobre a Bíblia;

— para o Santo Rosário (com um estudo sobre a *Sub tuum praesidium* — a primeira oração mariana);

— para a Via-Sacra;

— sobre as Indulgências.

Série **ANTIGA ALIANÇA:**

Tobias — O Livro da Misericórdia

O Livro de Jó